



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura



PLANO DE GESTÃO

ZONA CENTRAL DA CIDADE
DE ANGRA DO HEROÍSMO

Conferências

DE 3 DEZEMBRO DE 2015 A 26 DE MAIO DE 2016

**CENTRO CULTURAL
E DE CONGRESSOS
DE ANGRA DO HEROÍSMO
PEQUENO AUDITÓRIO**

Uma iniciativa da
Secretaria Regional da Educação e Cultura,
através da
Direção Regional da Cultura,
em colaboração com a
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

**2020
ANGRA
DO HEROÍSMO,
500 ANOS
DE CENTRALIDADE
NO ATLÂNTICO**



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

Palacete Silveira e Paulo | Rua da Conceição
9700 – 054 Angra do Heroísmo | Terceira | Açores
telefone: (+351) 295 403 000 | fax: (+351) 295 403 001
email: drac.info@azores.gov.pt
site: <http://www.azores.gov.pt/>



É importante fazer notar, sobretudo ao europeu menos avisado e habituado à antiguidade do velho continente, que esta não é uma cidade antiga nem mesmo medieval e que a sua integral compreensão como comunidade atlântica só é conseguida se poirmos o olhar nas Américas central e do sul e nos percursos portugueses ligados ao Índico.

Enormes quantidades de especiarias, tecidos e bens do Oriente cruzaram estes mares, durante séculos, ao mesmo tempo que carregamentos fabulosos de prata e ouro do Novo Mundo passavam, todos fugindo de tempestades, de piratas e de navios inimigos.

Como ponto de apoio, escala de abrigo e defesa dos navios que atravessavam o Atlântico em retorno à Península Ibérica e à Europa, o rápido crescimento da cidade e a instalação nela de uma Provedoria das Armadas é reflexo dessa função de sentinela, fornecedora de aguada e proteção, quando necessário.

O sistema de 40 pequenos fortes que bordejavam as costas da Terceira e as duas fortalezas que fecham o porto a indesejáveis (S. Sebastião a leste e S. Filipe/S. João Batista a oeste) só é entendível se nos detivermos em Cartagena de Índias, Havana, Salvador da Baía, Ilha de Moçambique, Goa, Malaca e no que esses lugares significam.

O terreno onde se encontra implantada a cidade é um pequeno vale em concha, rodeado, pelo lado de terra, por uma crista de colinas dispostas em anfiteatro a leste, norte e oeste. À data do povoamento corriam, pelo espaço onde hoje se ergue a cidade, ribeiras de regime permanente.

A sul, do lado do mar, e formando uma pequena península, o vulcão extinto do monte Brasil cria duas reentrâncias. Uma, mais ampla e desabrigada, a oeste, – a baía do Fanal – e outra, menor, de águas profundas e abrigada de quase todos os ventos exceto dos de sudeste – a angra.

Foi junto a esta última, aproveitando esse duplo sistema de ancoradouros e retirando o próprio nome da configuração da angra em que se instalou, que surgiu o povoado, cuja primeira fase é ainda tradicional, europeia e medieval, com a casaria a coser-se com o terreno e as ruas descendo íngremes e tortuosas.

O casario, com exemplos de janelas de rótulas, beirados avançados e varandas, faz lembrar qualquer pequena cidade brasileira ou da América de língua castelhana, à mistura com um fundo português do Porto ou da Estremadura.

Ponto de confluência das rotas ultramarinas portuguesas e espanholas, Angra do Heroísmo é o único lugar do Planeta onde permanecem, lado a lado, testemunhos materiais e culturais de ambos os impérios ibéricos.

Incluída numa lista onde estão, lado a lado, os mais valiosos exemplos do Património Cultural e Natural da Humanidade, esta Zona Central de Angra do Heroísmo é uma das mais interessantes simbioses que figuram na lista da UNESCO, pois aqui a própria mudança serviu de base temática à classificação. Ela é Património da Humanidade exatamente, porque se trata de um testemunho acabado do virar de página que foi o abandonar definitivo dos modelos de viver e construir medievais, na Europa, em favor do que de novo e moderno traziam o Renascimento e as Descobertas Marítimas. Angra é, também, relevante dado que, não apenas por um momento, mas durante cerca de três séculos, a História da expansão europeia, da aquisição de novos modelos de ser e estar, da implantação da primeira verdadeira economia planetária, passaram e deixaram marcas, no casario, nos costumes, na visão do mundo. Têm sido raras as vezes em que a História – enquanto tempo entendido em permanente evolução – assumiu tamanha importância na classificação de um bem, numa lista onde predominam os valores culturais baseados na arquitetura ou na arqueologia.

Textos: Francisco Maduro-Dias

3 DEZ \ 2015

Ana Paula Amendoeira

Historiadora de Arte. Presidente do ICOMOS

17 DEZ \ 2015

Francisco Maduro-Dias

Museólogo. Instituto Histórico da Ilha Terceira

7 JAN \ 2016

Antonieta Reis Leite

Arquiteta

21 JAN \ 2016

José Aguiar

Arquiteto. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

4 FEV \ 2016

Alexandra Gesta

Arquiteta. Câmara Municipal de Guimarães

18 FEV \ 2016

Abílio Dias Fernandes

Economista. Câmara Municipal de Évora (1976 - 2001)

3 MAR \ 2016

Raimundo Mendes da Silva

Engenheiro Civil. Universidade de Coimbra

14 MAR \ 2016

Claudio Varagnoli

Arquiteto. Universidade de Pescara, Itália

14 ABR \ 2016

Catarina Portas

A Vida Portuguesa

28 ABR \ 2016

Peter Samuel

National Park Service, E.U.A.

12 MAI \ 2016

Katherine Malone-France

National Trust for Historic Preservation, E.U.A.

26 MAI \ 2016

Justin Scully

The National Trust, Reino Unido